

**EDITORIAL**

Caros leitores,

Apresentamos, com grande apreço, mais um número da Revista Brasileira de Filosofia da Religião. Este segundo número referente a 2019 não conta com dossiê, embora, de certo modo, alguns dos artigos mantenham conexão temática entre si.

Abrindo este número, apresentamos um bloco de três textos que tocarão, ainda que de maneiras, metodologias e enfoques consideravelmente distintos, a temática da mística.

O primeiro deles é intitulado “La obra de Margarita Porete y el movimiento beguinal: Breve reflexión sobre la posible influencia en las primeras comunidades femeninas latinoamericanas” de autoria de Nicolás Moreira Alaniz, professor de história da filosofia medieval no Instituto de Profesores Artigas, situado em Montevideu, Uruguai. Neste texto, Nicolás aponta que o movimento das beguinhas (movimento religioso não conventual que se desenvolveu entre os séculos XII e XIII até meados do século XIV) e que, não raramente sofreu suspeição e perseguição por parte da cúpula hierárquica da Igreja Católica não influenciou somente a Europa Central, mas seus ecos podem ser ouvidos em comunidades latino-americanas. As linhas mestras do movimento beguinal consistiriam em: promover a autonomia religiosa, organizacional e econômica das comunidades, recusando a observância perpetua dos votos de castidade e clausura; pregar e ensinar nas incipientes cidades medievais; e transmitir uma forma de experiência mística considerada nova. Dentre estas beguinhas, o autor elege o pensamento de Marguerite Porete como eixo central, autora que, condenada por heresia e assassinada pela Inquisição, hoje é considerada beata pela Igreja Católica. Conforme o autor, a autora influenciou não somente a espiritualidade alemã, mas também algumas ideias centrais da Reforma Protestante. E, por esta via, esta forma de religiosidade e de comunidade feminina chega às Américas. Ainda conforme o autor, é relevante que as primeiras



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

manifestações de religiosidade feminina na América se mostrassem marcadas por fortes demandas de autonomia, liberdade, e unidade comunitária.

Já no texto “Conhecimento, filosofia e mística”, Mauricio Saboya, Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, toma por base a epistemologia de William Payne Alston (1921-2009), para defender a possibilidade de as experiências místicas cristãs serem fonte de conhecimento. Para tanto, apresenta alguns exemplos de relatos de experiências místicas. Este artigo conclui que as crenças produzidas sob a prática doxástica mística cristã tendem a ser tanto mais conhecimento, quanto mais epistemicamente justificadas forem elas. Conforme o autor, a prática teria de satisfazer a três critérios: 1) enraizamento psicossocial; 2) coerência interna e externa; e 3) auto-apoio significativo.

Uma terceira abordagem acerca da temática da mística pode ser encontrada no artigo de Ruling Barragán Yáñez, Professor da Universidade do Panamá. Em “¿Qué sentido tendría la mística en una cultura postmetafísica?”, o professor Barragán propõe algumas reflexões gerais e preliminares sobre o termo “mística” e sua relação com a filosofia e a cultura secular. Parte da consideração de como a polissemia do termo afeta a compreensão e valoração que se tem destas supostas experiências adjetivadas como místicas. Em relação a isso são explicitadas, por um lado, notas essenciais e fenomenológicas, de um tipo específico de experiência mística (entendido como "não dual") abordado pela fenomenologia da religião; e por outro, apresenta a crítica ao pretense alcance epistêmico, metafísico e moral, é atribuído costumeiramente à mística. A proposta do autor é de esclarecer e delimitar ao menos um dos sentidos que este termo assume, com o fim de entendê-lo e apreciá-lo independentemente de idealismos e reducionismos considerados pelo autor como fenomenologicamente insustentáveis e mostrar sua relevância cultural e importância no mundo atual, sob um processo de secularização e devir pós-metafísico.

A este primeiro bloco dedicado a questões referentes ao tema da mística seguem-se dois artigos relacionados a arte.

Iniciamos então por “Religião e arte em Jacques Derrida. A respeito da pintura de Jean-Michel Atlan”. Este texto é de autoria do prof. Etienne Alfred Higué, Doutor em Ciências teológicas e religiosas pela Universidade Católica de Louvain, foi professor na Universidade do Estado do Pará e na Universidade Federal de Juiz de Fora, após ter-se

aposentado do professor do programa de pós-graduação em ciências da religião da Universidade Metodista de São Paulo. Neste artigo, o também presidente da Associação Paul Tillich do Brasil fala-nos sobre arte, dedicando-se a analisar um texto publicado por Jacques Derrida em 2001, no qual comenta, a partir das grandes linhas da teoria da desconstrução, assim como da sua concepção de religião e de arte, a produção do pintor franco-argelino Jean-Michel Atlan. A pintura de Atlan traz referências a elementos religiosos, através dos quais o filósofo tenta propor o surgimento simultâneo do monoteísmo e da pintura a partir de uma origem comum, estabelecida por ele como o “deserto no deserto”.

Prosseguindo, encontramos “A crítica das evidências da razão na obra de Benjamin Fondane e Léon Chestov”. Neste artigo, Gabriela Bal, mestre e doutora em ciências da religião (PUC-SP) e atualmente pós-doutoranda do programa de psicologia clínica da USP, apresenta um aspecto da obra de Benjamin Fondane (1898-1944), filósofo, poeta, dramaturgo, cineasta e crítico literário, judeu de origem romena, embasada na obra anterior de seu mestre, Leon Chestov (1866-1938), filósofo judeu de origem russa. Conforme a autora, ambos os pensadores radicados em Paris, desenvolveram, a partir de um diálogo com a filosofia a literatura, a antropologia e a ciência, aquilo que veio a configurar a marca mesma do pensamento destes autores. Desenvolvida por Chestov como uma crítica da razão e complementada por Fondane como uma negação das evidências da razão, a autora considera a contribuição destes autores como uma filosofia da religião *avant la lettre*, ao apontar para a dimensão filosófica da fé.

A seguir, um terceiro bloco apresenta discussões mais recentes.

O texto de Marco Antônio da Silva Filho, mestre em filosofia pela Universidade de Brasília e pesquisador das áreas de filosofia da religião, metafísica e filosofia do tempo, apresenta seu artigo denominado “A Eternidade Atemporal é a única opção para o Teísmo?”. Neste, o autor apresenta duas perspectivas que seriam as principais ao se considerar o atributo da eternidade: a eternidade envolve tempo ou não envolve tempo. Segundo ele, durante a maior parte da tradição filosófica teísta, a eternidade atemporal foi considerada a melhor interpretação por razões como: a imutabilidade absoluta de Deus garantir sua perfeição e incorruptibilidade; a atemporalidade responder melhor às questões sobre o que fazia Deus antes de criar o mundo e o fato de conciliar onisciência

e livre-arbítrio. Entretanto, a perspectiva concorrente, da eternidade temporal estaria se tornando cada vez mais popular, em especial entre os filósofos analíticos. A eternidade temporal tem sido apontada como capaz de responder às mesmas questões citadas e de comportar um entendimento da imutabilidade divina num sentido brando que pode ser uma melhor maneira de conciliar a eternidade com a natureza livre e criativa de Deus. Assim, o autor tenta explicar e discutir os argumentos das duas correntes, tentando demonstrar a validade da perspectiva da eternidade temporal.

No artigo seguinte deste número, Luiz Gustavo Oliveira dos Santos, mestre em filosofia pela Universidade de Brasília, apresenta uma discussão acerca do argumento teleológico para a existência de Deus, em suas variantes dedutiva e indutiva. Em “Uma comparação entre os argumentos teleológicos dedutivos e os indutivos para a existência de Deus”, explica que os argumentos dedutivos remontam à tradição tomista, enquanto os argumentos indutivos são mais recentes e utilizam a probabilidade e critérios científicos de escolha de hipóteses. Propõe-se a traçar uma análise comparativa das semelhanças e diferenças desses dois tipos de argumentos teleológicos, identificando suas características marcantes.

Apresentamos ainda um artigo de Gabriel Gonzalez Rungue, mestrando em filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) analisa a crítica de António Damásio à teoria das emoções, tal como apresentada por William James. No artigo intitulado “Sobre as Emoções: António Damásio e a Crítica à Teoria James-Lange”, tenciona apontar algumas falhas ou descuidos nessa crítica, defendendo a validade da proposta de William James. Conforme o autor, “Neste artigo, defendo a tese de que a teoria das emoções de James dá conta da ocorrência de estados emocionais disparados por representações aprendidas”. Para tanto, assenta suas observações na suposição de que a crítica de António Damásio reduz a teoria de James à abordagem das emoções *padrão*, não levando em consideração o amplo desenvolvimento de sua teoria, e, principalmente a validade naquelas que são denominadas “emoções sutis”.

Encerrando a seção Artigos, Kassio Flores Passos Lopes, doutorando em Filosofia pela PUC-SP oferece uma explanação sobre “A Perspectiva de Nietzsche sobre o ‘Tipo Psicológico do Galileu’”. Neste artigo defende a posição de Nietzsche acerca de Jesus, apresentada n’*O Anticristo*. Esta posição parte de uma apresentação através da descrição fisiopsicológica que Nietzsche faz do fundador do Cristianismo, ressaltando sua

ingenuidade e impassibilidade diante dos estímulos externos, como sendo a verdadeira *novidade*, no sentido de que a figura de Jesus é desconectada de seu tempo histórico e padrões culturais do local geográfico de origem, descrição feita em contraposição ao “herói” e “gênio apresentado por Renan. Destaca a influência de Dostoiévski e o paralelo possível com o personagem Mishkin de *O Idiota*.

Para finalizar nosso número, Anita Sayuri Aguenta oferece uma resenha do livro *Na Senda da Razão: Filosofia e Ciência no Medievo Judaico*, organizado por Rosalie Helena de Souza Pereira. Não é usual para nossa revista uma resenha ocupando oito páginas, mas o fato de tratar-se de uma extensa obra de coletânea de vinte e sete textos, dedicados a diferentes temas e autores, justifica tal extensão.

Desejando uma excelente leitura a todos,

**Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo**

*Professora do Departamento de Filosofia (UNIFESP);  
Pesquisadora-líder do NUR - Núcleo de Pesquisas em  
Filosofia Islâmica, Judaica e Oriental/UNIFESP; Editora da  
Revista Brasileira de Filosofia da Religião*

